

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

A ADICÇÃO AO TRABALHO A PARTIR DA PERSPECTIVA PSÍQUICA DO INDIVÍDUO

Mariane Gobbi (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Marco Antônio Rotta Teixeira (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: mahh.gobbi@hotmail.com

Palavras-chave: Adicção. Trabalho. Narcisismo. Psicanálise.

Esta pesquisa buscou abordar a relação adicta que o homem estabelece com o seu trabalho em nossa sociedade contemporânea, identificando quais as causas, os mecanismos psíquicos adotados para sustentar tal relação, e os desdobramentos deste comportamento para a vida desse indivíduo adicto. Para tanto, nos respaldamos numa contextualização sociológica e psicológica deste cenário, dando preferência as contribuições psicanalíticas no que diz respeito ao âmbito psíquico.

É importante abordarmos este assunto, uma vez que o trabalho assumiu grande importância na vida do homem e posição de centralidade em nossa sociedade, “(...) é a principal atividade do homem, visto que norteia e é integrante de sua identidade. Além disso, o trabalho é o principal regulador da vida, já que o sujeito organiza seus horários, relacionamentos familiares e sociais em função deste.” (RODRIGUES, et al., 2005, p.53), porém, o modo intenso como este trabalhador tem se relacionado com sua atividade tem lhe tornado cada vez mais encerrado em sua dinâmica profissional e cada vez menos livre com relação ao seu próprio corpo, ao seu modo de pensar e a sua psique (ENRIQUEZ, 1997). Assim, esta pesquisa se faz um meio bastante adequado para se problematizar estas questões.

Para tanto, nos utilizamos do método qualitativo de pesquisa, por meio de pesquisas bibliográficas e psicanalíticas. O tema em questão tem instigado uma série de pesquisadores que tem se debruçado sobre essa temática e produzido conhecimentos bons o suficiente para compor um diálogo entre autores, que muito acrescentou neste trabalho. Trata-se, também, de uma pesquisa psicanalítica porquê o objeto que buscamos encontra-se no plano da realidade psíquica, subjetiva, que está relacionado as manifestações do inconsciente e só pode ser observado indiretamente (CECCARELLI, 2012). E, por fim, é uma pesquisa de cunho

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

qualitativo porque buscamos possíveis compreensões e interpretações para o fenômeno em questão.

Ao propormos realizar uma contextualização sociológica do trabalho inserido no sistema capitalista pós-moderno, estamos propondo uma análise sociológica de um trabalho que, enquanto atividade central, está inserido em uma sociedade pautada na cultura do narcisismo, do espetáculo e do individualismo – e do próprio indivíduo – exacerbado (BIRMAN, 2003 apud STACECHEN; BENTO, 2008). Nesta contextualização, achamos conveniente realizar um apanhado histórico acerca do fenômeno do trabalho e, de modo sucinto, podemos afirmar que o trabalho, por mais que possua raízes profundas em nossa cultura, não é algo inato em nosso meio, ele foi e é uma construção social que, em sua trajetória, já foi visto com maus olhos, como maldição e castigo, até passar a ser olhado como uma ferramenta na busca de riqueza, como determinante moral e, hoje, como atividade principal (BAUMAN, 2001). E, sendo atividade principal, foi ele quem configurou o modo de funcionamento da sociedade em que nos encontramos, tornou o nosso meio num ambiente globalizado e de inovações constantes, e passou a exigir que nos tornemos versáteis, adaptáveis, e que saibamos lidar com mutações e curtos prazos e, ainda, que saibamos sobreviver em meio à pressão constante ao termos que conviver com muitos riscos e incertezas (BAUMAN, 2001; SENNETT, 2006).

Neste caso, a contextualização psicológica se fez importante justamente para compreendermos o porquê do indivíduo se submeter a estas exigências tão duras. Juntamente com Bernal (2010), chegamos a conclusão de que o dinheiro e os bens materiais não se fazem como a única força motivadora deste comportamento – principalmente o adicto – ganhos psicossociais e realizações pessoais tem assumido grande importância neste cenário, o que pode capturar o indivíduo de forma mais profunda e alienante. Santi (2005) nos traz que a captura do trabalhador se dá pelas promessas de ideais de sucesso e que o grande mal estar de nossa época é a angústia de tudo buscar, porém, com nada se contentar. Esses fatores aliados a outros, discutidos no capítulo, tem como consequência o que Fuks (1999) e Pagès (1993) trazem como comprometimento dos recursos elaborativos, o que impede o indivíduo de buscar sua emancipação e autonomia, caindo facilmente em redes alienantes.

Sobre as promessas de ideais de sucesso, estas tem grande repercussão no âmbito psíquico uma vez que se endossa nos sonhos narcisistas de fama, glória e reconhecimento,

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

dando incentivo para que o homem comum se reconheça nas estrelas e faça do resto do “rebanho” e a existência cotidiana uma banalidade (LASCH, 1983 apud SANTI, 2005). A ânsia de se destacar entre o banal e comum faz com que o sentido de coletividade se perca cada vez mais e que o indivíduo volte sua libido cada vez mais para si e para aquilo que o favoreça, cultuando cada vez mais a cultura do narcisismo, que busca sempre o poder e faz do outro o seu objeto. Sendo assim, o mal estar que marca a nossa sociedade pós-moderna é a angústia de ansiar por tudo sem nunca atingir o contentamento, e ter se de tornar cada vez melhor.

O fato de desejar ir sempre além e buscar atingir esse objetivo pede que o trabalhador renuncie a satisfação dos seus impulsos indomados – sexuais e agressivos – e que os desvie para fins socialmente úteis, como o trabalho. Segundo Santi (2005), a sociedade tem exigido cada vez mais a renúncia desses impulsos, a ponto de dar origem ao que se chama de “nervosismo moderno” que, aliado aos moldes e modelos ideais – porém inalcançáveis – impostos pela cultura capitalista, visa uma lógica produtivista/consumista.

Dentre os que compartilham deste nervosismo moderno encontramos os adictos, que possuem uma relação de dependência com o seu trabalho. Durante a pesquisa, pudemos constatar que a origem deste comportamento está na infância, mais precisamente na falha da introjeção da função materna e na falha da transmissão das leis por parte da figura do pai. O comportamento adicto não implica necessariamente uma busca pelo prazer mas, também, pela fuga do desprazer e pela busca de amparo e conforto frente a situações difíceis. (BENTO, 1987). Porém, esta adicção é vista com bons olhos perante a sociedade capitalista se comparada a outras adicções como, por exemplo, álcool e drogas, e por favorecer aos interesses do sistema, não se tem a necessidade de ser combatida ou prevenida. Mas, assim como outras adicções, esta também traz consequências e uma das mais marcantes é o esfacelamento dos limites que demarcam o que faz parte do trabalho e o que faz parte da vida privada, ambos lados se confundiram e o âmbito profissional tem dominado o que diz respeito ao particular (EXAME, 2012; SENNETT, 2006). Sobre o modo de vida deste adicto, realizamos a análise do filme O Capital (2012), de Costa-Gravas, para tornar o conteúdo produzido pela pesquisa mais didático.

Como conclusão desta pesquisa, pudemos constatar que o trabalho está imbricado de tal forma na vida do indivíduo que o não-trabalho – seja por desemprego, afastamento, férias,

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

aposentadoria, etc – pode ser causa de sofrimento e de patologias (RODRIGUES, M. et al, 2005). Porém, alguns setores tem se conscientizado sobre os malefício causados pelo intenso envolvimento entre o sujeito e o seu trabalho e tem criado formas de mudar a sua prática ou, ao menos, conscientiza-la. Por exemplo, em 2006, em Lisboa, foi criado um manual para as empresas chamado “Boas práticas de conciliação entre vida profissional e vida familiar” (PEREIRA; GUERREIRO; LOURENÇO), cujo intuito é sensibilizar as entidades empregadoras para as mudanças sociais que tem ocorrido e para proporcionar uma maior qualidade de vida ao trabalhador. Acrescido a este exemplo temos, também, o exemplo da Dinamarca que se destaca entre os países com maior equilíbrio entre vida pessoal e profissional, apresenta apenas 2% de trabalhadores com jornadas semanais acima de 50 horas, e está buscando cada vez mais demarcar entre seus trabalhadores os limites entre pessoal e profissional (EXAME, 2012). Sem contar os inúmeros estudos realizados nesta área que tem demonstrado os fatores prejudiciais desta relação intensa e adicta. O que podemos observar aqui é que muitos estão se conscientizando de que esta devoção desmedida ao trabalho não é tão favorável quanto parece, e realizar estudos nesta área é uma maneira de alertar a todos, promover a reflexão sobre esta prática e servir de embasamento para que políticas a favor do trabalhador sejam desenvolvidas.

Referências

BAUMAN, Z. Trabalho. In: _____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 150-192.

BENTO, V. E. S. A psicopatologia da drogadição: uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Arquivos Brasileiros de Psicologia, 39, 41-50, 1987.

BERNAL, A. O. Significado do trabalho na sociedade contemporânea. In: _____. **Psicologia do trabalho em um mundo globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 13-36.

CECCARELLI, P. R. Consideração sobre pesquisa em psicanálise. In: Melo & Júnior (org.). **Psicologia: diálogos contemporâneos**. Curitiba: CRV, 2012, p. 137-146.

ENRIQUEZ, E. O indivíduo preso na armadilha da estrutura estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 37, n. 1, jan/mar 1997, p. 18-29.

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

EXAME. Precisamos trabalhar tanto?, São Paulo: Ed. Abril, n. 21, 31 out. 2012, p. 46-58.

FUKS, M. P. Mal-estar na contemporaneidade e patologias decorrentes. **Psicanálise e Universidade**. São Paulo, n. 9 e 10, 1999, p. 63-78.

O CAPITAL. Produção de Costas-gravas. França: Paris Filmes, 2012. (114 min.), son., color.

PAGÈS, M. et al. A organização e o inconsciente. In: _____. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1993. p. 143-185.

PEREIRA, I.; GUERREIRO, V.; LOURENÇO, M. D. Boas práticas de conciliação entre vida familiar e vida profissional: manual para empresas. Lisboa: CITE, 2006.

RODRIGUES, M. et al. A preparação para a aposentadoria: o papel do psicólogo frente a essa questão. **Revista brasileira de orientação profissional**, v. 6, n.1, p. 53-62, 2005.

SANTI, P. Consumo e desejo na cultura do narcisismo. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 2, n. 5, 2005, p. 173-204.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

STACECHEN, L. F.; BENTO, V. E. S. Consumo excessivo e adicção na pós-modernidade: uma interpretação psicanalítica. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 421-436, jul.-dez. 2008.